



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

Eugênia Versiani Souza Carvalho

Exploração de Memórias Camufladas

Brasília – DF

2020



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

Eugênia Versiani Souza Carvalho

Exploração de Memórias Camufladas

Trabalho de Conclusão de Curso de Eugênia Versiani Souza Carvalho, habilitação em Artes Visuais\Bacharelado do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Thérèse Hofmann

Brasília – DF

2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA !

INSTITUTO DE ARTES – IdA!

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – VIS!

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO ARTES VISUAIS – BACHARELADO

Aos 18 dias do mês de dezembro de 2020, às 14h horas, realizou-se, em sala virtual do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna, **Eugenia Versiani Souza Carvalho**, matrícula 150124490, intitulado “**Exploração de Memórias Camufladas**”.

A Banca Examinadora foi composta pelos (as) professores (as): Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa, Luiz Carlos Pinheiro Ferreira e Christus Nóbrega.

Após a apresentação da estudante, a Banca procedeu aos comentários e deliberou pela **aprovação**, com a menção **SS**. Proclamado o resultado, os trabalhos foram encerrados e, para constar, eu, Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa, presidente da sessão, lavrei a presente Ata, que assino em conjunto com os demais professores titulares da Banca.

Profa. Dra. Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa
(orientadora)

Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
membro titular

Prof. Dr. Christus Nóbrega
membro titular

AGRADECIMENTOS

Durante esses cinco anos de Universidade tive o enorme prazer em conhecer pessoas incríveis com quem pude aprender, rir, desabafar e principalmente tomar como apoio em meu dia a dia.

Aos meus amigos Ana Maria Sena, Gabriel Meireles, João Victor Silva agradeço imensamente pelas experiências maravilhosas que me proporcionaram, sejam elas nas aulas que pegamos juntos, no estágio ou no barzinho. Com vocês aprendi um novo significado de amizade e espero que daqui pra frente, nada mude.

Clarissa Paiva e Fernando Nísio, vocês se tornaram uma segunda família, e tenho certeza que a amizade de vocês me tornou uma artista melhor e me fez crescer como pessoa.

Thérèse Hofmann, Arlete Santos, Felipi Santos, obrigada por esses anos maravilhosos de muito aprendizado, oportunidades e momentos de crescimento dentro da maquete e principalmente pela amizade de vocês. Essa experiência me tornou não só uma profissional como uma pessoa melhor. Inez Montagner, obrigada por sua amizade, pelas conversas maravilhosas e por estar presente em vários momentos importantes, você muitas vezes me fez acreditar em mim mesma mais uma vez.

Aos meus pais, Sandra e Doni, obrigada por todo apoio, amor, educação e força que me deram durante a vida toda; sem vocês ao meu lado o caminhar poderia ter sido árduo, contudo, foi prazeroso. Aos meus companheiros inseparáveis, Gabriel Lucas, Lavínia Camargo, Tia Marcia, Tio André, Arícia e Ian: obrigada por todo apoio e carinho durante esses anos, sem vocês também tenho certeza que muitas coisas não seriam possíveis.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a todos vocês, e agradeço imensamente por tudo!

RESUMO

Este trabalho consiste em uma série de colagens em alto relevo feitas a partir do questionamento acerca da interferência da memória em minha construção como artista e sujeito, buscando apontar dúvidas e inquietações que se tornaram presentes em minha produção ao longo do tempo e questionando alguns elementos que aparecem de forma repetitiva em minha produção.

Palavras-Chave: Memória; Narrativa Autobiográfica; Fragmento; Construção;

ABSTRACT

This work consists of a series of high relief collages made from the questioning about the interference of memory in my construction as an artist and subject, seeking to resolve doubts and concerns that have become present in my production over time and questioning some elements that appear repeatedly in my production.

Keywords: Memory; Autobiographical narrative; Fragment; Construction;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Eugênia Versiani (1997) – Estudo em Aquarela

FIGURA 2. Eugênia Versiani (1997) – Estudo em Aquarela

FIGURA 3. Eugênia Versiani (1997) – Uma Biografia Microscópica Ilustrada

FIGURA 4. Eugênia Versiani (1997) – Uma Biografia Microscópica Ilustrada

FIGURA 5. Eugênia Versiani (1997) – Uma Biografia Microscópica Ilustrada

FIGURA 6. Eugênia Versiani (1997) – Uma Biografia Microscópica Ilustrada

FIGURA 7. Eugênia Versiani (1997) – Livro II

FIGURA 8. Louise Borgeois (1911-2010) – Ode a Minha Mae

FIGURA 9. Louise Borgeois (1911-2010) – Spider

FIGURA 10. Louise Borgeois (1911-2010) – Spider

FIGURA 11. Maria Graham (1785 - 1842) - Arvore no bairro da Graça (Bahia) notável pelas parasitas

FIGURA 12. Maria Graham (1785 - 1842) A Árvore da Gamela, num jardim da Bahia

FIGURA 13. Arthur Rackham (1867 - 1939) The Meeting of Oberon and Titania

FIGURA 14. Arthur Rackham (1867 - 1939) Odine de Frederick de la Motte Fuoque

FIGURA 15. Eugênia Versiani (1997) – Exploração das Memórias Camufladas

FIGURA 16. Eugênia Versiani (1997) – Exploração das Memórias Camufladas

FIGURA 17. Eugênia Versiani (1997) – Exploração das Memórias Camufladas

FIGURA 18. Eugênia Versiani (1997) – Exploração das Memórias Camufladas

FIGURA 19. Eugênia Versiani (1997) – Exploração das Memórias Camufladas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. PERCURSO.....	10
2. DESENVOLVIMENTO.....	17
3. REFERÊNCIAS VISUAIS.....	23
3.1 Louise Borgeois.....	23
3.2 Maria Graham.....	26
3.3 Arthur Rackham.....	28
4. EXPLORAÇÃO DAS MEMÓRIAS CAMUFLADAS.....	29
5. CONCLUSÃO.....	34
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

Nada é por acaso. Cada ser humano carrega dentro de si uma trajetória muito específica, que é construída durante a vida por fatores internos e externos e, são esses fatores que nos tornam seres tão únicos e especiais. Neste trabalho, narrarei um pouco sobre a minha trajetória e como ela tornou o meu trabalho algo altamente íntimo para mim.

A dúvida tem sido minha principal acompanhante desde o início, e com o ingresso no curso de Artes Visuais, definitivamente se tornou minha melhor amiga (e também a mais indesejada, por ora). O questionamento sobre meu objetivo dentro do curso veio de diversas partes, principalmente por conta das repentinas mudanças nas escolhas de temas e pesquisas.

A princípio, fui criada em duas casas diferentes; alternava entre meus pais e uma senhora que cuidou de mim e de outras crianças durante a primeira infância. Essa primeira fase de vida foi marcada por acontecimentos importantes que foram determinantes para a minha formação como sujeito e indivíduo, e que foram extremamente significantes para a construção do meu processo e da minha identidade enquanto artista.

Com isso, o principal objetivo deste trabalho passa a girar em torno de desvendar questões importantes acerca do meu processo e minha formação como artista, utilizando o método de pesquisa autobiográfico.

1. PERCURSO

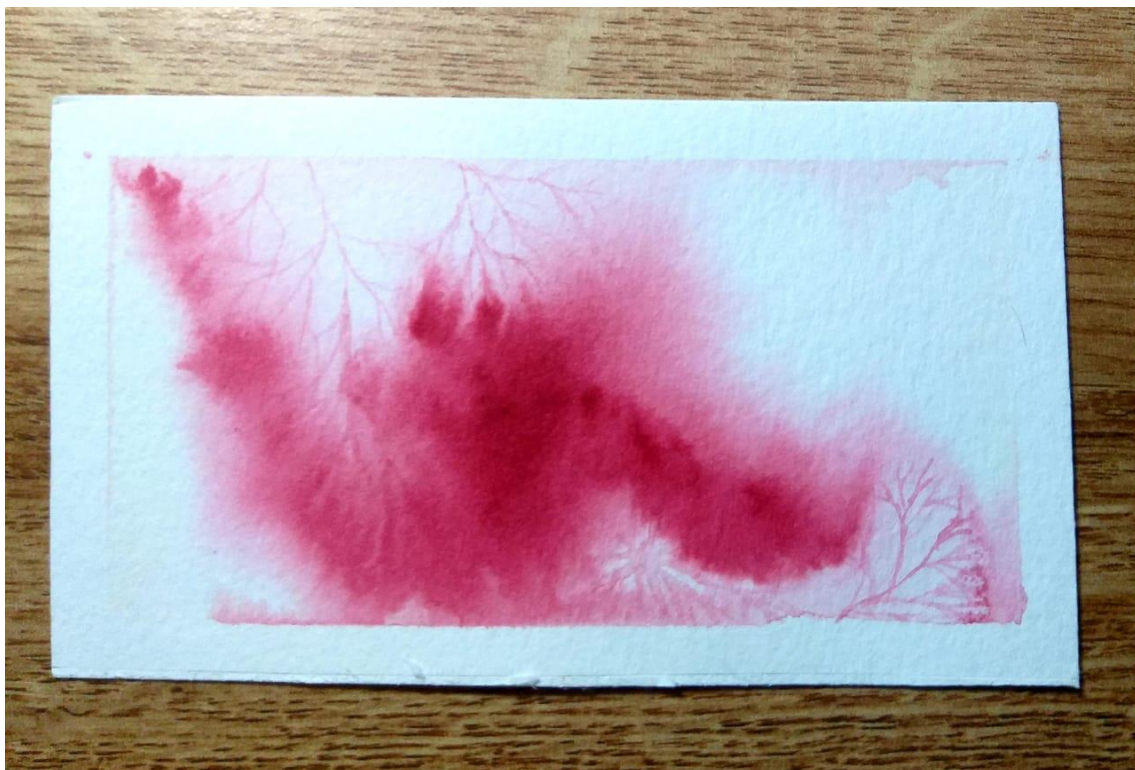
Este capítulo tem como principal objetivo discorrer um pouco sobre minha trajetória dentro da Universidade de Brasília, salientando pontos específicos imprescindíveis não só na construção dos meus trabalhos, como também na construção do sujeito.

É importante afirmar que este período possui como seu maior marco a dúvida. A mesma me acompanhou durante muito tempo e, apesar do incômodo e das inquietações causadas por tal, se tornou uma ferramenta indispensável na obtenção de respostas acerca do meu trabalho e da minha pessoa.

Meus primeiros anos dentro do curso se trataram majoritariamente de uma onda de experimentações, sendo grande parte direcionada ao desenho, porém, é na disciplina de Ateliê I que surge a real necessidade de aprofundar minhas pesquisas e buscar um embasamento teórico-prático que justificasse minha produção. A partir desse momento, passei a analisar mais a fundo os elementos que os trabalhos tinham em comum e minhas principais dificuldades para produzir e encontrar uma certa consistência em meio a produção.

Cheguei à conclusão de que seria necessário primeiramente fazer um aprofundamento na análise das minhas produções atrelando a mesma a um mergulho na pesquisa autobiográfica, buscando identificar a relação entre os elementos que compunham o meu trabalho e meus motivos pessoais para tal. Posteriormente, tornou-se necessário desconstruir um pouco mais as técnicas e elementos presentes em meus trabalhos com o objetivo de solucionar os bloqueios insistentes na produção e, conseqüentemente sua escassez (FIGURAS 1 e 2)

Figura 1. Estudo em Aquarela.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 2. Estudo em Aquarela.



Fonte: Acervo Pessoal

Em Ateliê II dei prosseguimento aos testes nos trabalhos, utilizando a aquarela em sua forma mais diluída possível e diminuindo cada vez mais o tamanho das pinturas, seguindo ainda com a análise em busca de identificar os elementos pessoais que marcaram e continuavam influenciando a minha obra. Com esse processo de investigação pude chegar a alguns apontamentos com relação a minha produção: o primeiro deles é que o meu processo criativo possui forte influência autobiográfica, tendo como principal referência a primeira infância. O segundo apontamento é que meu trabalho explora dualidades extremas, como por exemplo o micro e o macro, características que indiretamente se ligam a memórias importantes e que foram cruciais na minha formação como pessoa. O terceiro apontamento é que meu trabalho se embasaria principalmente na questão da memória, tornando-o extremamente íntimo para mim e buscando provocar ao seu expectador os questionamentos relacionados à autoanálise e suas memórias.

Com o desenlace desses fatos, sucede ao Trabalho “Uma Biografia Microscópica Ilustrada”, que consiste em um Livro de artista em tamanho A3 predominantemente em branco, exceto por algumas pinturas de 1,5 cm localizadas em lugares específicos do livro (FIGURA 3). O livro acompanhava uma lupa, instrumento necessário para a visualização das pequenas pinturas, e com o objetivo de fazer com que a obra e o expectador criem, de certa forma, uma relação intimista.

Figura 3. Uma Biografia Microscópica Ilustrada.



Fonte: Acervo pessoal

As pinturas são feitas em aquarela e tinta guache, figurando pequenos fungos, folhas, pedras e raízes, buscando retratar principais elementos presentes na minha primeira infância e que influenciam o significado e o motivo dos meus trabalhos. Pela primeira vez compreendi de fato o que o processo significava, e isso permitiu meu melhor desenvolvimento como artista (FIGURAS 4, 5 e 6).

Figura 4. Uma Biografia Microscópica Ilustrada.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 5. Uma Biografia Microscópica Ilustrada.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 6. Uma Biografia Microscópica Ilustrada.



Fonte: Acervo pessoal

Nos semestres seguintes mais produções surgiram seguindo o mesmo caminho, porém em formatos diferentes. Dentre essas, destaca-se outro livro de artista, apresentando 40 x 40 cm, e quando aberto, se estendendo por 1,20 m. O interior do livro fazia alusão a um mapa, portando colagens em formatos de folhas, texturas de arvores e outras plantas e pequenos desenhos camuflados por entre as folhas. Apesar de grande, as colagens eram minúsculas e a lupa foi mais uma vez necessária para complementar o trabalho. Assim como no trabalho anterior, o livro se manteve no conceito intimista e sua proposta ainda convidava o expectador a olhar de perto (FIGURA 7).

Figura 7. Livro II.



Fonte: Acervo Pessoal

Por conseguinte, na Diplomação, dando continuidade ao processo de pesquisa autobiográfica e na produção de trabalhos que faziam referência a questões como o intimismo, às memórias e principalmente à forma como todas essas questões influenciavam na minha formação como pessoa e o motivo pelo qual o meu trabalho seguia esse formato e esses conceitos. Com isso, surge o trabalho “Exploração das Memórias Camufladas”, que consiste em pequenos recortes que servem como suporte para colagens minúsculas, fazendo alusão aos fragmentos de memórias, e mais uma vez tornando indispensável a utilização de uma lupa para que seja possível observar sua disposição de forma mais clara.

2. DESENVOLVIMENTO

O capítulo a seguir possui como principal objetivo explicar um pouco acerca dos questionamentos sobre hábitos pessoais que interferiram e continuam a interferir de forma direta em meus trabalhos e como se manifestam, atrelando os mesmos aos conceitos sobre o sujeito, a memória e a narrativa, utilizando como principal método a pesquisa autobiográfica na busca pela obtenção de resultados acerca da poética presente na minha produção.¹

Falar de si não é algo simples, mas acaba tornando-se extremamente necessário em algum momento na vida do sujeito. A inconsistência em minha produção criou a necessidade de explorar a fundo os motivos que causavam tamanha dificuldade e, como principal ferramenta para resolver parte deste problema, utilizei o método de pesquisa autobiográfica. De acordo com Abrahão (2003, pág. 80), este recurso se baseia em utilizar diversas fontes como história oral, vídeos, filmes, fotos e diversos documentos, todos tendo como principal validação a memória, sendo esta a principal característica que auxilia pesquisador e narrador na construção de elementos de análise com objetivo de auxiliar na compreensão de um determinado objeto de pesquisa.

A pesquisa autobiográfica tem sua origem por volta do século XIX na Alemanha como alternativa sociológica ao positivismo, sendo aplicada pela primeira vez de forma sistemática na escola de Chicago, em 1920. Porém, logo despertou polêmicas em volta de sua epistemologia, e desde então, seu uso de forma autônoma tem sido reivindicado por estudiosos do método (SANTOS, GARMS, 2014, pag. 2, apud NÓVOA, FINGER, 2010).²

Os questionamentos a respeito da minha produção surgem por volta da metade do curso, justificados por conta do meu silêncio a respeito de meus trabalhos e principalmente por

¹ Nesse momento não tenho como intenção dar ênfase em um autor específico sobre memória, mas sim transitar de uma forma mais intuitiva nas vivências pessoais que influenciaram no meu processo de escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso.

² Este texto traz um pouco dos dados da pesquisa autobiográfica de acordo com Hellen Thaís dos Santos e Gilza Maria Zauhy apud Nóvoa e Finger. É importante explicitar que existem outras vertentes acerca da pesquisa autobiográfica, mas por ora, este texto não tem como objetivo aprofundar sobre o assunto.

não produzir de forma conjunta. Contudo, as perguntas só se tornaram um incômodo real a partir do momento em que precisei escrever trabalhos específicos sobre minha produção e então passei a de fato, questionar o motivo de não conseguir escrever nada que fosse relacionado.

Em uma madrugada, conversando com um amigo por telefone, o mesmo começou a fazer perguntas mais específicas, principalmente sobre a infância e família, com objetivo de chegar a alguma solução; nesse momento pude perceber que tanto minha forma de produzir quanto os elementos que compunham a minha produção estavam altamente ligados à memória e, como as lembranças de certa forma, se camuflaram com o tempo dentro do meu subconsciente, influenciando não só a minha personalidade como também a minha produção e a forma que a mesma era trabalhada. Sobre as interações da memória, de acordo com Ostrower (1977, pag. 18)

As interações se estruturam junto com a memória. São importantes para criar. Nem sempre serão conscientes nem, necessariamente, precisam equacionar-se como objetivos imediatos. Fazem-se conhecer, no curso das ações, como uma espécie de guia aceitando ou rejeitando certas opções e sugestões contidas no ambiente. Às vezes descobrimos nossas intenções só depois de realizada a ação. (Lembramos, como exemplo, que certos erros, talvez até fracassos, mais tarde podem revelar-se para nós em suas dimensões verdadeiras, como intenções produtivas e ao mesmo tempo verdadeiras.)

Para compreender melhor a forma como meus trabalhos artísticos se traduzia, foi necessário primeiramente tomar ciência dos elementos principais que se repetiam na composição do meu trabalho para depois buscar na memória o significado de todos eles.

Seus elementos se relacionavam basicamente a natureza, sendo sua maioria folhas, fungos, plantas em geral e alguns animais, sendo raro aparecer seres humanos. Seus tamanhos eram predominantemente menores, sendo raro surgirem trabalhos grandes; suas cores seguiam uma paleta de cores mais frias, com poucos (ou nenhum) detalhes em cores quentes. Esses detalhes se explicam através de pequenos fragmentos específicos relacionados a infância, ligados a alguns acontecimentos marcantes, sendo um deles um momento que tive com minha mãe e minha avó materna, o outro, um momento em que me é mencionada a existência de familiares paternos, incluindo irmãos, avós e outros parentes, e o outro um pequeno recorte da infância, o período em que tinha pouca convivência com meus pais e mais com uma senhora que me criava.

O primeiro deles apesar de marcante, foi um momento corriqueiro que de certa forma, se repete até os dias de hoje. Eu e minha mãe sempre passamos nossas férias de final de ano na casa da minha avó, em Montes Claros – MG, e era comum sentarmos na rua aos finais de tarde para conversar e cumprimentar os vizinhos que passavam. Na frente da casa havia um tronco de árvore velho no qual costumávamos sentar; ele era grande o suficiente para que meus pés não tocassem o chão e graças a ação do tempo, cresceram em volta dele alguns fungos conhecidos como orelha – de – pau (*pycnoporus sanguineus*), que abrangiam uma cor alaranjada extremamente chamativa.

Percebendo meu interesse, minha mãe logo me disse: *Não mexa nisso! Cada coisa na natureza tem uma função e sua defesa. Coisas coloridas são venenosas, não mexa neles nunca!* Deste dia em diante, passei a observar a maioria das plantas, insetos e animais de longe.

A segunda experiência, se baseia em um momento em que tive com meu pai, quando o mesmo me conta sobre a existência de seus familiares e decide me levar para conhecê-los. Meus avós paternos moravam em uma fazenda no município de Alto Paraíso – GO, e a princípio, o lugar me chamou atenção por suas matas fechadas, a variedade das plantas e as cores que se destacavam naquele meio. As paisagens lembravam cenários das animações que tinha o costume de assistir, algo que a princípio mascarou a insegurança de conhecer um novo lugar. Ao chegar no local a estranheza tomava conta do ambiente, ambientar-se ao local fez-se praticamente impossível para ambos os lados, característica que se conservou por muito tempo.

Em função da pouca familiaridade com o lugar, passei grande parte do meu tempo evitando a casa dos moradores e comecei a explorar em volta do local. Nas primeiras vezes andava em volta da casa e em áreas próximas, e com o passar do tempo fui aprendendo a caminhar cada vez mais longe. Graças ao dizer da minha mãe, aprendi a observar tudo aquilo que me chamava muita atenção de longe, principalmente os fungos. Como tinha o hábito de desenhar, sempre observava e desenhava quando chegava na casa. Todos esses elementos passaram a incorporar consciente ou inconscientemente a maioria dos meus trabalhos, tanto antes quanto durante a faculdade.

A terceira experiência envolve um certo período de minha infância, período este em que fui parcialmente criada por uma senhora que se tornou, de certa forma, uma segunda mãe (com a qual mantenho contato até os dias atuais).

Tia Helena era uma senhora, com quatro filhos, alguns netos (alguns de minha idade na época e outros mais velhos) e muitas crianças pequenas que a mesma cuidava durante a semana. Sua casa era sempre lotada e barulhenta, com crianças correndo e brincando, mas de certa forma todos éramos uma família só. Me acostumei a conviver nesses termos, e ao sair de lá, aos cinco anos de idade, sofri um pouco com a mudança. Meus pais achavam que nessa idade já conseguiria ficar sozinha, ir para a escola e cuidar das tarefas mais simples e nessa parte, me adaptei bem. O problema maior foi conviver com o silêncio e a casa vazia.

A partir do momento em que saí da casa e passei a ficar mais sozinha, tomei como principais companhias as minhas fitas cassetes – assistia pelo menos uma por dia -, os meus livrinhos – que minha mãe trazia com frequência -, e meus desenhos. No começo tudo isso incomodava bastante, porém mais tarde, tornou-se essencial para desenvolver certa introspecção. Me acostumei a desenhar, pensar e agir de forma solitária, e a solidão, com o passar dos anos se transformou em solitude, que de acordo com Mansur, (2008):

Avaliada como uma conquista, a solitude, ou seja, a capacidade de ficar só de maneira positiva, em suas complexas injunções psicológicas e sociais, encontra-se diretamente relacionada a qualidade da sustentação emocional e das oportunidades culturais que encontramos, seja no início ou no decorrer da vida (...). Inerente a essa concepção, encontra-se também a crença na potencialidade humana de renovar sentidos, por meio de gestos devidamente ancorados no espaço da convivência humana (...)

A partir desses fragmentos pude perceber diretamente os pontos que definiram boa parte do meu trabalho e principalmente a forma como a memória foi chave para tal definição, contudo, tal percepção se torna possível através de uma construção narrativa. “A narrativa acentua a importância das lembranças, aguça a capacidade de reviver na memória momentos relevantes, sobretudo para resgatar minúcias imprescindíveis ao conhecimento de si” (Luiz Carlos Ferreira Pinheiro, 2017, pág. 79).

Muitas de minhas lembranças se perderam em meio ao tempo, e utilizando a narrativa como uma ferramenta complementar pude aos poucos recuperar partes importantes de minha memória. Com o início dos questionamentos acerca de meus trabalhos passei a prestar mais atenção em elementos do meu dia a dia em busca de rememorar fragmentos pessoais, além de buscar provas que comprovassem ou representassem certos ocorridos

importantes como fotografias, vídeos, desenhos e principalmente conversas sobre acontecimentos passados. Essa busca foi de suma importância para encontrar respostas e me definir melhor como sujeito e como artista. Ainda acerca do fragmento narrativo, de acordo com Ferreira (2017, pág. 79):

O fragmento narrativo acontece como algo que possibilita compreender minha experiência associando-as às relações entre presente e passado. Como um arqueólogo que escava os escombros para encontrar resquícios, pedaços e fragmentos que possa, metaforicamente, ajudar-me a reconstruir o edifício simbólico que representa o sujeito. Os fragmentos narrativos exercem essa tarefa de reconstruir o tempo e o espaço acerca de ações vivenciadas, sobretudo com outras pessoas em determinado tempo e lugar.

É importante ressaltar que o fragmento narrativo e a memória são conceitos que se complementam e, de acordo com Ostrower (1977), a memória consiste em nossa capacidade de absorver, processar e compreender informações e experiências, possibilitando ao ser humano reter ou não certos fragmentos que podem ser utilizados em diversos momentos da vida, sendo que a mesma é algo completamente mutável, e continua se construindo nos capítulos que sucedem a vida do sujeito, influenciando de forma direta o seu comportamento podendo inclusive, modificá-lo ao longo do tempo. Considera-se ainda que as memórias se constroem através de contextos específicos e não fatos isolados, ainda que estes possam ser lembrados. Ainda acerca da construção da memória, de acordo com Ostrower (1977, pág. 19):

É o caso de conteúdos de ordem afetiva e de estados de ânimo, alegria, tristeza, medo que caracterizam determinadas situações da vida do indivíduo. De um modo de vista operacional, a memória corresponderia uma retenção de dados já interligados em conteúdos vivenciais. Assim, circunstâncias novas e por vezes dissimilares poderiam reavivar um conteúdo anterior, se existirem fatores em relacionamentos análogos ao da situação original.

Partindo desta definição e tomando como base as ferramentas de pesquisa utilizadas nesse trabalho, pude comprovar com mais clareza os elementos que foram essenciais na construção não só da minha trajetória como artista como também, como sujeito.

É necessário afirmar que apesar de a memória ser uma importante chave, é imprescindível utilizar algumas outras ferramentas para chegar a mesma, como por exemplo, o

reconhecimento como sujeito. É através do voltar-se a si mesmo que tomamos a real consciência de quem somos, de onde estamos e principalmente que lugar ocupamos em sociedade. (VERONESE, M. V; LACERDA, L. F. B. apud GUATTARI & ROLNIK, 1993). De acordo com VERONESE, LACERDA, apud TOURAINE 2006, pág. 23), Só nos tornamos plenamente sujeitos quando aceitamos nosso ideal reconhecer-nos – e fazer-nos reconhecer enquanto indivíduos – que defendem e constroem sua singularidade, e dando, através de atos de resistência o sentido da nossa existência. ³

3. REFERÊNCIAS VISUAIS

Tomando como base as referências e conceitos citados acima, este tópico busca trazer um pouco das minhas referências visuais. As mesmas acabaram por interferir e embasar a construção de meus trabalhos, e serviram como grande motivador para o aprofundamento de minha pesquisa autobiográfica.

É importante frisar que as referências apresentadas neste capítulo não vão, necessariamente, se complementar, porém todas de alguma forma colaboraram na construção da minha produção ao longo destes anos, seja por seu conceito, por técnica, ou por elementos presentes.

3.1 LOUISE BORGEOIS

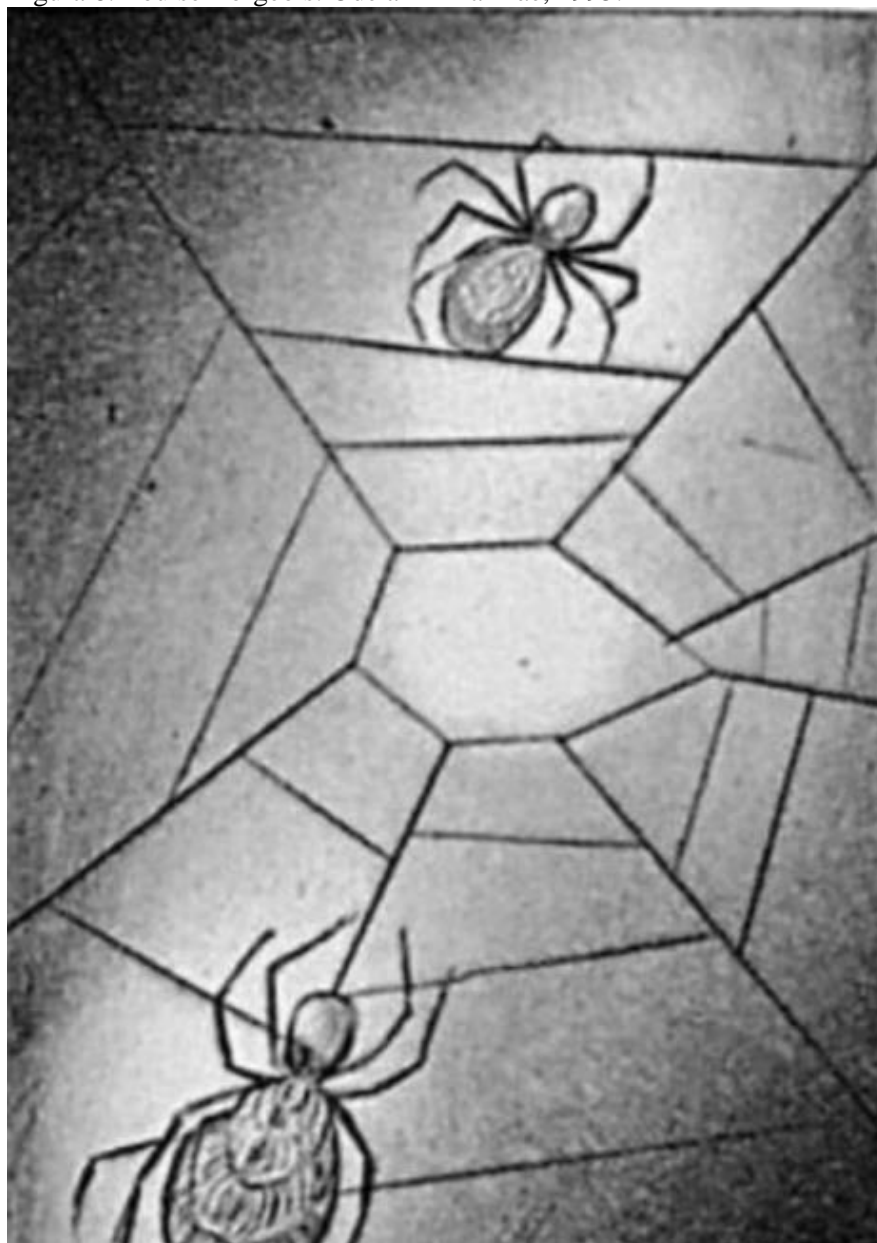
Louise Borgeois nasceu em 1911, na França. Sua Arte tem como forte motivador sua história, suas memórias, buscando transverter suas vivências marcantes em uma linguagem altamente pessoal e utilizando a arte como processo terapêutico (Fundação Iberê Camargo, 2019).

Duas Obras que se destacam, para mim, São as esculturas da exposição Spider, de 1996 e a série de gravuras feitas a partir da técnica de ponta seca, Ode a Minha Mae, de 1995 (FIGURAS 8, 9 e 10). A artista possui forte relação afetiva com

³ Trago os autores Marília Veríssimo Veronese e Luiz Felipe Barboza Lacerda, e não pretendo nessa pesquisa desenvolver a fundo as relações entre sujeito e indivíduo proposto por Alain Touraine. Disponho aqui apenas algumas elucidações para pensar sobre um pouco sobre meu processo formativo.

aranhas, e a mesma as associa com sua figura materna, Acerca das aranhas, Borgeois afirma que “(...)A outra metáfora é que a aranha representa a mãe. A minha mãe era minha melhor amiga. Ela era inteligente, paciente, tranquilizadora, delicada, trabalhadora, indispensável e, sobretudo ela era tecelã – como uma aranha. Para mim, as aranhas não são aterradoras.”(Louise Borgeois: *Sculpture, Environnements, Dessins, 1938-1995*)⁴.

Figura 8. Louise Borgeois. Ode a Minha Mãe, 1995.



Fonte: A Poética na Arte Contemporânea

⁴ Fragmento retirado do portal Fundação Iberê Camargo.

Figura 9. Louise Bourgeois. Spider, 1996.



Fonte: Acervo Itaú Cultural

Figura 10. Louise Bourgeois. Spider, 1996.



Fonte: Acervo Itaú Cultural

3.2 MARIA GRAHAM

Maria Graham foi uma artista inglesa nascida por volta de 1788, que se consolidou através de suas ilustrações botânicas e diários de viagem. No final de sua vida escreveu a sua autobiografia intitulada “Reminiscências”, onde a mesma passa a se permitir escrever de forma pessoal, ressaltando momentos de sua trajetória e utilizando um caráter auto avaliativo e reflexivo sobre si mesma. (CAMPOS, 2009, pág. 105).

Em seus últimos anos no Brasil, a artista passa então a se dedicar de forma integral a registrar a natureza como artista viajante. Suas ilustrações renderam uma coleção de em média 200 ilustrações botânicas referentes a plantas coletadas no Rio de Janeiro (FIGURAS 11 e 12). Suas ilustrações apresentavam ainda uma gama de plantas medicinais, raras e algumas desconhecidas, e englobando diversas espécies de insetos e pássaros. (CAMPOS, 2009, pág. 108).

De um ponto de vista pessoal, a obra de Maria Graham possui semelhança com hábitos que desenvolvi durante a infância, e que se perdura até os dias de hoje, que é o de documentar plantas e animais e torná-los como uma de minhas principais referências dentro de minha produção. Seu trabalho também abrange uma certa busca pessoal, utilizando-se de suas memórias e trajetórias de vida, em busca de se auto afirmar como sujeito e comprovar sua identidade.

Figura 11. Maria Graham. Arvore no bairro da Graça (Bahia) notável pelas parasitas.



Fonte: Relatos de Viagem e a Obra Multifacetada de Maria Graham no Brasil

Figura 11. Maria Graham. A Arvore da Gamela, num jardim da Bahia.



Fonte: Relatos de Viagem e a Obra Multifacetada de Maria Graham no Brasil.

3.3 ARTHUR RACKHAM

Arthur Rackham foi um importante Ilustrador inglês, nascido no ano de 1867. Sua obra consiste em belas ilustrações, todas bem detalhadas e feitas utilizando a combinação de uma pena com nanquim e aquarela (FIGURAS 13 e 14). Durante sua vida, Arthur Rackham ilustrou grandes trabalhos como “As viagens de Guliver”, e “Os Contos de Fadas dos Irmãos Grimm”.

A influência que o Artista exerce sobre meu trabalho se refere aos meus fragmentos da infância. Quando criança tinha grande apreço por contos de fadas, e os consumia tanto em livros quanto em filmes. Isso me proporcionou uma visão, de certa forma, muito fantasiosa durante a infância, fazendo com que neste período eu atribuísse um significado de magia á florestas, trazendo a mim grande conforto com relação a natureza, e mais tarde, me despertando a curiosidade para começar trabalhos ilustrativos com aquarela, guache e nanquim.

Figura 13. Arthur Rackham. The Meeting of Oberon and Titania.



Fonte: <<https://www.bbc.co.uk/programmes/articles/19bxqpbSrYd9cNFZFTwyZb3/a-very-fairy-christmas-magical-winter-works-by-arthur-rackham>>

Figura 14. Arthur Rackham. Odine de Frederick de la Motte Fuogue.



Fonte: <<https://www.chi.ac.uk/news/renowned-illustrator-arthur-rackham-celebrated-sussex>>

4. A EXPLORAÇÃO DAS MEMÓRIAS CAMUFLADAS

A Exploração das Memórias Camufladas (FIGURAS 15, 16, 17, 18 e19), surge em meio a muitos questionamentos e principalmente como resultado de uma pesquisa autobiográfica, tomando como base alguns conceitos relacionados a memória, fragmento narrativo e a formação do sujeito. É importante reforçar que após um período de bloqueio e certa dificuldade de produzir, percebi a necessidade de primeiramente desconstruir alguns hábitos e técnicas com o objetivo de voltar ao início e identificar problemas e explicações que acompanhavam meus trabalhos e a mim de forma pessoal. No começo pareceu necessário desconstruir apenas a técnica, porém, com o passar do tempo percebi uma necessidade maior de voltar ao início de períodos específicos de minha vida.

Inicialmente me lembrei dos primeiros semestres na Universidade de Brasília, mais especificamente sobre a matéria de Materiais em Arte, ministrada pela professora Thérèse Hofmann. A matéria tinha como principal objetivo ensinar aos alunos a manufatura de materiais artísticos e suportes, e seu trabalho final se baseava em uma pesquisa autobiográfica onde seus alunos deveriam responder três perguntas: “Quem eu sou? De onde eu vim? Para onde vou?”.

Tive dificuldade em responder essas perguntas, mas a princípio, consegui lembrar alguns pontos importantes que considere marcantes no meu processo e não imaginava que mais tarde, me fariam basicamente as mesmas perguntas para encontrar respostas imprescindíveis na busca de um significado mais profundo sobre meus trabalhos e a minha forma de produção. O trabalho é composto por alguns elementos chave e dentre eles se destacam a lente de aumento e seus recortes, que carregam pequenas colagens em alto relevo.

É importante primeiramente falar um pouco sobre a relação da poética do trabalho com o material escolhido para fazê-lo, o papel de arroz. A escolha desse papel se dá inicialmente pela sua suavidade e com o objetivo de associar a fragilidade, delicadeza e cuidado necessário ao manusear o papel com o manuseio de nossas memórias. Reforçando a ideia de Ostrower (1977), nossas memórias consistem na capacidade de absorver informações e continuam se formando ao longo da vida, podendo ser utilizadas em diversos momentos, de forma consciente ou subconsciente.

O argumento nos leva a refletir não apenas sobre a complexidade de sua formação, mas também sobre a capacidade de dar continuidade a essa construção no decorrer da vida do sujeito, sendo muitas vezes necessária a utilização de ferramentas para descortinar nossas memórias que se camuflaram em nossa mente, mas foram de grande importância na formação do nosso comportamento e, de certa forma continuam influenciando o mesmo. Com isso, podemos perceber a fragilidade de nossas memórias e o quanto as mesmas são suscetíveis a agentes internos e externos.

Traçando um paralelo entre os fragmentos pessoais citados no começo do texto e a definição de memória citada acima, pode-se justificar os principais elementos presentes não só no trabalho atual, mas também ao longo da minha produção geral. Os fungos, as plantas, os insetos e outros componentes da natureza se tornaram de certa forma um refúgio em meio a um lugar estranho onde não me adaptei e por isso acabam se representando e aparecendo com frequência no meu dia a dia, proporcionando até os dias de hoje a mesma sensação de conforto e proteção que sentia naqueles momentos. Acerca dos conflitos relacionados a produção do artista, para Ostrower (1977, pág. 29):

O que o conflito faria, dada sua área de configuração particular em cada caso, ao intervir na produtividade de um artista, seria eventualmente propor a temática significativa por ser ela tão imediata e relevante para

a pessoa. Portanto, o conflito orientaria até certo ponto o quê e como no processo criador.

Dentro do trabalho, a lente de aumento se torna necessária para enxergar seu pequeno formato. Os recortes de papel possuem um formato arredondado e seus tamanhos se aproximam ao de uma moeda de cinco centavos; tanto a base quanto os recortes montados em alto relevo foram feitos em papel de arroz.

Não houve variação de cor ou de materiais dentro das colagens e essa decisão foi tomada com o objetivo de fazer com que as colagens não apenas não se destacassem entre si, mas também criassem a própria camuflagem. A lente, além de servir para poder enxergar as coisas mais de perto, incorpora ao seu papel a incumbência de fazer alusão a questão da exploração, da procura de coisas que são praticamente invisíveis aos nossos olhos e que exigem certo cuidado e paciência para encontrar.

Figura 15. Exploração das Memórias Camufladas.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 16. Exploração das Memórias Camufladas.



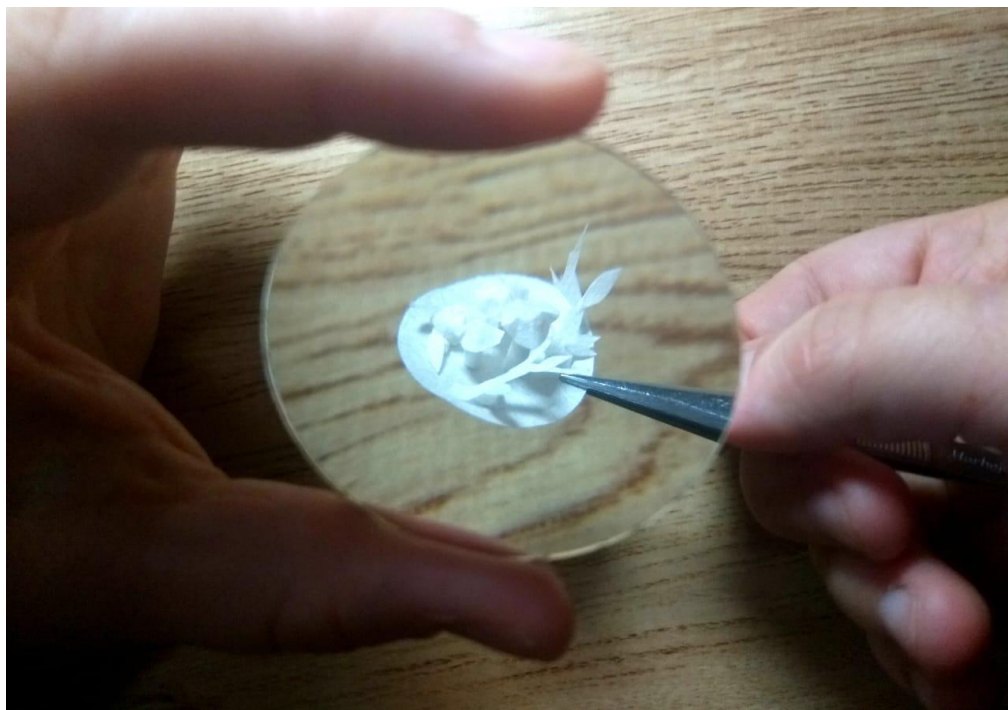
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 17. Exploração das Memórias Camufladas.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 18. Exploração das Memórias Camufladas.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 19. Exploração das Memórias Camufladas.



Fonte: Acervo Pessoal

Essa parte do trabalho se relaciona com a metáfora apresentada por Ferreira (2017) que fala sobre a necessidade de se tornar um arqueólogo de si, em busca de explorar suas vivências.

Agrupando esses elementos, surge no trabalho a necessidade de criar entre obra e expectador uma relação mais próxima e intimista, convidando o mesmo a observar de perto, com cuidado e paciência, com o objetivo de que o expectador passe a refletir sobre si e busque explorar suas próprias memórias.

5. CONCLUSÃO

O processo para o surgimento do trabalho “Exploração das Memórias Camufladas” se iniciou há alguns semestres atrás, tendo como principal motivador a dúvida e o problema com os bloqueios relacionados a minha produção artística. Inicialmente, acreditei que o principal problema fosse o engessamento de certas técnicas, o que me levou a desconstruí-las o máximo possível. Esse caminho acabou me levando de forma sutil a procurar as raízes do problema, o que me levou a questionar a respeito da formação como artista e sujeito e a forma como as memórias poderiam influenciar esse processo.

A partir do apanhado de conceitos e fragmentos pessoais apresentados neste Trabalho de Conclusão de Curso, foi possível solucionar algumas dúvidas internas e, principalmente, compreender a importância da memória, da narrativa autobiográfica e o método de pesquisa autobiográfico não só na minha formação como artista, mas principalmente como sujeito.

Como resultado desta pesquisa teórico – prática também sucede uma série de pequenas colagens em alto relevo, utilizando como material principal o papel de arroz e acompanhada de uma lente de aumento. Em suas composições são apresentados elementos afetivos relacionados a natureza, fazendo alusão a delicadeza das memórias mais íntimas e principalmente, a respeito de seu esquecimento e a forma como as mesmas continuam a existir em nosso subconsciente apesar de suas próprias camuflagens.

Exploração das Memórias Camufladas conclui-se abordando conceitos teórico-práticos e com isso solucionando algumas inquietações identificadas no meu processo no decorrer do tempo em que cursei Artes Visuais na Universidade de Brasília.

O objetivo desse trabalho foi principalmente levantar o questionamento acerca de nossas memórias e, apesar de ser escrito em formato narrativo, espero que possa influenciar outras pessoas a vasculhar o seu íntimo em busca do seu autoconhecimento. Contudo, apesar de finalizar uma importante etapa acadêmica, não tenho este trabalho como uma conclusão, mas sim uma continuação e aprofundamento posterior nos estudos acerca da memória, narrativa e pesquisa autobiográfica.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, **Memória, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica**- História da Educação, Pelota, 2003

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque, **Relatos de Viagem e a Obra Multifacetada de Maria Graham No Brasil**- *Sitientibus*, Feira de Santana, 2009

Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/41/6_relatos_de_viagem_e_a_obra_de_maria_graham.pdf

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro, **Narrativas Autobiográficas: Entre Lembranças, Experiências e Artefatos** - Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2017

Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3129>

MANSUR, Luci Helena Baraldo, **Solitude Virando a Solidão pelo Averso**- Ide São Paulo, 2008

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100007

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de, **Fatores Influentes no Desenvolvimento do Potencial Criativo**- Estudos de Psicologia (Campinas), 2010

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100010

OSTROWER, Fayga, **Criatividade e Processo de Criação** – Ed., Vozes, 1977

ROVINA, Márcia Regina Porto, **A Poética Autobiográfica na Arte Contemporânea**- Campinas, 2008

Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284682/1/Rovina_MarciaReginaPorto_M.pdf

SANTOS, Hellen Thaís dos; GARMS, Gilza Maria Zauhy, **Método Autobiográfico e Metodologia de Narrativas: Contribuições, Especificidades e Possibilidades para Pesquisa e Formação Pessoal/ Profissional de Professores**- II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 2014

Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141766>

VERONESE, Marília Veríssimo; LACERDA, Luiz Felipe Barboza, **O Sujeito e o Indivíduo na Perspectiva de Alain Touraine** - Soc. e Cult., Goiânia, 2011

Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/17616>